

**A FILOSOFIA CONCRETA DE GABRIEL MARCEL:**

por uma *filosofia* da história da filosofia e uma *filosofia* do ensino da filosofia

[GABRIEL MARCEL'S CONCRETE PHILOSOPHY:

for a *philosophy* of the history of philosophy and a *philosophy* of teaching philosophy]

Marcos Érico de Araújo Silva  
[marcoserico@uern.br](mailto:marcoserico@uern.br)

*É Bacharel em Filosofia (2005), Licenciado em Filosofia (2006), Mestre em Filosofia (2008) pela UFPB, e Doutor em Filosofia (2015) pela UFPB-UFRN-UFPE. Atualmente é Professor Adjunto II do Departamento de Filosofia da UERN no Campus de Caicó - RN, e professor Permanente do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, núcleo UERN. É membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI). É líder do Grupo de Pesquisa (DGP-CNPq) Núcleo de Estudos em Fenomenologia, Hermenêutica e Mística do Departamento de Filosofia da UERN. É membro do Grupo de Pesquisa (DGP/CNPq) Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica da UNIOESTE. Atua principalmente nos seguintes temas: Kierkegaard, Heidegger, Gabriel Marcel, superação da metafísica, tonalidades afetivas, existência encarnada, cristianismo, e mística cristã. É professor de Capoeira Angola.*

Iraquitán de Oliveira Caminha  
[caminhairaquitán@gmail.com](mailto:caminhairaquitán@gmail.com)

*Graduado em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba (1988). Graduado em Psicologia pelos Institutos Paraibanos de Educação (1990). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1995). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1996). Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain (2001). Atualmente, é professor titular do Departamento de Educação Física, do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Autor dos livros O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty (Editora da UFPB, 2010), Escritos diversos no universo do corpo, educação, psicanálise e filosofia (LiberArs 2015), 10 Lições sobre Merleau-Ponty (Vozes, 2019) e de vários artigos e capítulos de livros sobre Corpo, Educação, Psicanálise e Filosofia.*

DOI: [10.25244/tf.v13i3.1231](https://doi.org/10.25244/tf.v13i3.1231)

Recebido em: 27 de janeiro de 2020. Aprovado em: 29/01/2020

Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 169-184 - ISSN 1984-5561  
Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel



**Resumo:** O artigo pretende meditar a questão do que significa filosofia e a consequente crítica marceliana de uma determinada forma de se estudar e lecionar a história da filosofia. Assim como Marcel e outros filósofos franceses já constatavam a necessidade de uma *filosofia* da história da filosofia, para não recair numa exposição de uma multiplicidade de filósofos, um ao lado do outro, como numa “vitrine” que expõe produtos à venda, da mesma forma e radicalidade é preciso pensar e fazer uma *filosofia* do ensino da filosofia. Sem isto a aula de filosofia se reduz à reprodução de ideias e resumos de obras de filosofia com seus respectivos contextos históricos, sem, porém, conduzir o estudioso a uma experiência existencial disto. É preciso co-fazer com o filósofo estudado, na aula ou leitura pessoal, a mesma via-gem, o mesmo per-curso per-corrido pelo filósofo numa determinada obra clássica de filosofia e não apenas ser informado sobre suas ideias, num “espírito de abstração”, tornando-se apto para fazer “provas”, sem, contudo, encarná-las ou apropriá-las.

**Palavras-chave:** Gabriel Marcel. Vocação. História da filosofia. Vitrine. Heidegger

**Abstract:** The article intends to meditate on the question of what philosophy means and the consequent Marcelian criticism of a certain way of studying and teaching the history of philosophy. Just as Marcel and other French philosophers already saw the need for a *philosophy* of the history of philosophy, in order not to fall into an exhibition of a multiplicity of philosophers, side by side, as in a “showcase” that exposes products for sale, in the same way and radicality it is necessary to think and make a *philosophy* of teaching philosophy. Without this, the philosophy class is reduced to the reproduction of ideas and summaries of works of philosophy with their respective historical contexts, without, however, leading the scholar to an existential experience of this. It is necessary to co-operate with the studied philosopher, in class or personal reading, the same journey, the same path taken by the philosopher in a certain classic work of philosophy and not just being informed about his ideas, in a “spirit of abstraction”, becoming apt to make “proofs”, without, however, incarnating or appropriating them.

**Keywords:** Gabriel Marcel. Vocation. History of philosophy. Showcase. Heidegger

## I

Neste artigo pretendemos fazer uma leitura filosófica de Gabriel Marcel e, portanto, percorreremos um caminho em que e-videnciaremos as paisagens da filosofia, sob a ótica marceliana. Familiarizados com a ideia de filosofia em Gabriel Marcel, olharemos naturalmente com espanto para um determinado modo de se fazer filosofia. O *espanto* à moda grega, quer dizer, filosófica, criará uma tonalidade afetiva propícia e apropriada para acompanharmos a crítica de Marcel a um ensino da filosofia baseado numa forma desvitalizada da história da filosofia. Claro que não pretendemos esgotar a questão em Marcel, e, aos nossos olhos, tal pretensão seria justo uma degeneração do pensamento do filósofo francês. Não trabalharemos, pois, no espírito escolástico, da filosofia sistemática, do “espírito de abstração” que, obediente ao modo científico, positivista, formal, reduz o pensamento filosófico, falado (uma aula!) ou escrito, a um falar *sobre* o que se pretende colecionando citações dos principais estudiosos sobre o assunto, ou apresentando os principais problemas e as principais respostas que a história da filosofia registrou sobre o tema em questão. O movimento reflexivo de Gabriel Marcel, assim como de todo verdadeiro filósofo é outro, pois obedece apenas à lei interna do próprio pensamento filosófico. Opera, também, com “abstração”, mas não no “espírito de abstração” *à la l'esprit de la géométrie*. Não trata *da* questão, mas fala *a partir* dela. Encarna-a. Apropria-se. “Porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio” (Mt 12,34). E, assim, a meditação é de profundidade, mas de uma profundidade que superficializa-se (única verdadeira!), corporifica-se, exterioriza-se, tornando-se visível, concreta, jamais profundidade em sentido intimista, solipsista, que isola e separa, e, portanto, abstrata, irreal. Ao contrário: Filosofia concreta! *Concretum* porque cresceu junto com a coisa, *con-crescere!* Por isso mesmo é linguagem de aceno, de despertar, de tornar visível, de participação! *Esprit de finesse!* – advertiria Pascal!

Heidegger, em muitas obras, já denunciava esse “pensamento calculador” que impera também, estranhamente, na filosofia, propondo um “pensamento meditante” que não se ocupa em falar ou escrever *sobre*, mas, antes e radicalmente, originariamente, fala ou escreve *a partir* ou *de* algo que está em questão, colocando o leitor ou ouvinte *em questão*. É um modo de falar ou escrever que não fala *sobre*, quer dizer, não se limita a descrever fatos, teorias, escolas, correntes de pensamento, um ao lado de outro, por não reconhecer neste procedimento uma primazia, mas algo secundário, *a posteriori*, caricatural, postiço. Ao contrário, tanto em Heidegger quanto em Marcel, é um movimento essencialmente, melhor, existencialmente distinto por falar da questão já *a partir* dela mesma, fazendo, através da meditação (Heidegger) ou reflexão segunda (Marcel), o despertar de ser *já* no Ser.

No pensamento marceliano, a produção dramática ou teatral expressa a verdadeira filosofia por reproduzir ou desvelar a dramaticidade da existência e a imbricação com a realidade. Na produção dramática, nos diálogos e cenas em que os personagens marcelianos são retratados, o espectador ou leitor não só acompanha a “explicação”, o drama da existência em suas várias nuances e complexidades, como também é naturalmente envolvido pelas cenas e diálogos. Ocorre, então, a possibilidade de uma apropriação existencial, uma en-carnação, melhor do que qualquer teorização poderia fazer no sentido de que o espectador ou leitor ao *ver, se vê*; apropria-se, encarna-se. Assim, Gabriel Marcel rompe com um modo tradicional de pensar a filosofia, na esteira de Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Merleau-Ponty e dos filósofos franceses de sua época, apresentando, na sua produção filosófica e dramática, como a filosofia acontece *existencialmente*.

Este artigo foi escrito para o *Dossiê em Comemoração aos 130 anos do nascimento de Gabriel Marcel* da revista *Trilhas Filosóficas*. Escrever sobre um filósofo e especialmente na co-memoração dos seus 130 anos do nascimento é fazer memória de sua filosofia. Não é, pois, falar apenas *sobre* ele, mas falar com ele, ou antes, fazer com que ele nos fale e, a partir daí, operar, pro-mover um

diá-logo filosófico. O que mais importa é celebrar, co-memorar o seu *con-naître* para a filosofia. Fazer esta memória do que ele fez *na* e *com* a filosofia é um modo de agradecer por ele ter correspondido à sua vocação de filósofo. Certamente existem muitos modos, muitos caminhos, muitas *trilhas filosóficas* a serem trilhadas, percorridas para apresentar ou presentear a história da filosofia com a filosofia deste filósofo francês, Gabriel Marcel. Nossa apresentação, ou nosso presentear o leitor (a), neste fazer memória, segue nosso modo de ver, de admirar o modo como o filósofo trilha sua filosofia. Faremos, então, num primeiro momento, uma reflexão (II) sobre o que é filosofia para Gabriel Marcel, evidenciando, a crítica à tradição, ao “espírito de abstração”. Posteriormente, dando prosseguimento à reflexão, meditaremos (III) a conexão desta crítica marceliana à tradição filosófica acompanhando sua contribuição crítica a um modo *historiográfico* de ensinar (e estudar!) filosofia como história da filosofia, melhor, como *uma forma desvitalizada* de história da filosofia. Aqui, na seção III, evidenciaremos e extrairemos, como consequência lógica de II, quer dizer, como exigência do ontológico enquanto sentido da filosofia marceliana, a necessidade tanto de uma *filosofia* da história da filosofia, quanto de uma *filosofia* do ensino da filosofia. Isto para que o ensino da filosofia não se transubstancie em “[...] uma verdade abstrata que será reduzida a fórmulas transmissíveis destinadas a serem, então, mecanicamente veiculadas” (MARCEL, 1951, p.12).

## II

O que é filosofia para Gabriel Marcel? Como Gabriel Marcel *fazia* filosofia? Ora, ao fazer filosofia, através da produção filosófica e dramática, Marcel não demonstra o que entende por filosofia? Como Gabriel Marcel, ao fazer filosofia, trabalha a história da filosofia? Mais radicalmente: Gabriel Marcel é *verdadeiramente* filósofo? Em outras palavras: Gabriel Marcel é reconhecido por outros grandes filósofos como filósofo ou apenas é reconhecido como um grande intelectual, dramaturgo, pensador? Por “grandes filósofos” entendemos não apenas grandes intelectuais, não apenas professores famosos de filosofia, mas filósofos já consagrados pela história da filosofia. Filósofos consagrados na história da filosofia são aqueles que, em virtude da criação de algum conceito numa determinada obra filosófica, mudaram, por assim dizer, a história da filosofia. Isso significa e tem uma incisiva e essencial implicação: se estes reconhecem Marcel, quer dizer, se o citam como um autor fundamental ao tratarem de alguma temática, também reconhecem que Gabriel Marcel tem um lugar assegurado na história da filosofia. Isto para nós é de fundamental importância para encararmos Gabriel Marcel *verdadeiramente* como filósofo e, como consequência, como sendo já um clássico da filosofia.

Afirmar que “Gabriel Marcel é verdadeiramente filósofo” revela e sustenta a ideia de que ele assume conscientemente o papel de filósofo. Isto significa que, mesmo na esteira de Kierkegaard e Nietzsche, por exemplo, críticos da filosofia, seu interesse é filosófico, com a filosofia. Numa outra perspectiva, Dostoievski, Fernando Pessoa, Machado de Assis, por exemplo, são qualitativamente distintos do filósofo. Estes literatos, poetas, possuem, inegavelmente, e, diríamos, eloquentemente, uma dimensão profundamente filosófica em seus textos. É possível (e necessário!) visualizar a questão filosófica ressoando nas entrelinhas de cada frase! De modo que é perfeitamente possível uma leitura filosófica de seus textos, contos, poesias. Mas, nesses casos e nessas situações, cabe ao intérprete, ao leitor, que, dominando a história da filosofia, seja capaz de criativamente saber ver a questão filosófica e evidenciá-la. Mas os autores de *per si* não escrevem no interesse da filosofia, quer dizer, não se colocam conscientemente desejosos de tomarem uma posição na história da filosofia, mesmo que criticando-a. Fazem simplesmente, com genialidade, literatura, e, assim, atingem a essência do humano. Tocam, portanto, na essência da filosofia, mas na forma literária, poética. Fazem isto, entretanto, sem desejar entrar em diálogo com a história da filosofia. Filósofo, porém, é só aquele que instaura um diálogo crítico com a tradição filosófica. Gabriel Marcel se situa, pois, nessa categoria de filósofo e não apenas de um intelectual que atinge a dimensão filosófica através das

artes ou do pensamento em geral. Toda sua produção dramática (teatral) e filosófica se ajusta a *um mesmo* movimento dialético que opera em diálogo com a tradição filosófica.

Günter Figal, por exemplo, no texto que escreveu para sua habilitação da docência em 1987, para a Universidade de Heidelberg, intitulado *Martin Heidegger: fenomenologia da liberdade*, mostra que Heidegger, na década de 70 e 80, “[...] não é tratado incontestavelmente como um clássico da filosofia” (FIGAL, 2005, p. 11). Mesmo Heidegger sendo à época “[...] indiscutivelmente como um dos filósofos mais importantes do século XX” (FIGAL, 2005, p. 11). Depois da década de 80 isso se torna consenso pelo efeito da influência de Heidegger nos filósofos contemporâneos; a maioria desses foram seus alunos. O mesmo autor, em 2006, na obra *Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia*, ao tratar de Gadamer e a hermenêutica filosófica, escreve:

[...] foi somente Gadamer que tornou os seus antecessores em precursores e lhes conferiu um lugar no desenvolvimento do programa que ele mesmo defende. O projeto gadameriano foi acolhido inicialmente de modo hesitante, mas em seguida com um grande interesse. O autor de *Verdade e método* é considerado hoje, internacionalmente, como o filósofo alemão mais significativo da segunda metade do século XX; sim, ele já é mesmo considerado como um clássico da filosofia. Uma tal avaliação é justa, se considerarmos o quanto a imagem de uma filosofia compreendida hermenêuticamente, mesmo em sentido mais amplo, pertence à história das influências exercidas por Gadamer (FIGAL, 2007, p. 11).

A filosofia de Gabriel Marcel encontra reconhecimento por filósofos clássicos, tanto pela atmosfera filosófica-cultural da França nas décadas de 30 a 50, quanto pelo próprio conteúdo e forma de tematização dos mesmos contribuindo com o “progresso” da história da filosofia. Sartre reconhece, em carta escrita a Marcel, o débito com o filósofo católico do conceito de “situação” e na conferência *O existencialismo é um humanismo* de 1945, insere Gabriel Marcel e Karl Jaspers como representantes do existencialismo cristão (Cf. SARTRE, 2012, p. 17). Marcel recusará esse epíteto, por não apreciar rótulos, -ismos, pois sempre são reducionistas e simplórios, mas, para reforçar o repúdio aos -ismos e arrancar o modismo de chamar sua filosofia de existencialista, prefere que seja chamado de “neosocratismo ou socratismo cristão” (MARCEL, 1953, p. 9, prefácio). Em *Os caminhos de Heidegger*, Gadamer traz o nome de Gabriel Marcel como um dos filósofos existencialistas (Cf. GADAMER, 2002, p. 15). Ainda que com a intenção de mostrar que, no existencialismo (França) e filosofia existencial (Alemanha), não existe uma doutrina única, nem com a mesma consistência nos vários filósofos que normalmente são enquadrados como existencialistas.

Merleau-Ponty reconhece a importância, por exemplo, do tratamento dado por Marcel sobre a temática do corpo, sem reduzi-lo a objeto, marcando influência, efeitos significativos nos filósofos franceses, seus contemporâneos. Segundo Merleau-Ponty, a filosofia tem como tarefa mostrar que o mundo é aquilo que nós percebemos como a expressão de seu aparecer, e não, o que é concebido como uma construção mental instituída pela clareza do pensamento. Com efeito, quando nosso corpo se põe a ver, ele não vê somente um objeto como uma soma de pontos distribuídos no espaço objetivo, mas um mundo que se faz presente ao corpo como vivido. Quando dirijo meu olhar em direção a um objeto qualquer, o corpo não vê simplesmente tal objeto como uma forma evidente e isolada, mas como uma forma integrada ao conjunto do mundo que lhe aparece. Nesse sentido, “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se neles continuamente” (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 97). Nosso corpo é,

portanto, o centro e o eixo de nossas percepções no mundo, pois é sempre através dele que podemos ter acesso às diferentes faces das coisas, enquanto manifestação do aparecer contínuo do mundo percebido.

O interesse de Merleau-Ponty por uma filosofia do corpo é devedor de seu esforço de fazer uma aproximação entre o filosofar e a experiência vivida. Tal aproximação somente se tornou possível por meio de uma associação entre seu modo de pensar com a filosofia existencial ou da existência. Isso não seria possível se a filosofia da existência não chegasse à França graças a Gabriel Marcel. Podemos ver isso no texto de Merleau-Ponty *La philosophie de l'existence* (1966) no qual o filósofo nos assegura que sua ligação à filosofia da existência foi feita a partir de Gabriel Marcel, influenciado pelas reflexões filosóficas de Husserl, Heidegger e Jaspers. Podemos dizer o quanto o tema da encarnação, indispensável para situar a consciência no mundo e afastar, definitivamente, Merleau-Ponty de uma filosofia idealista, tem a participação fundamental de Gabriel Marcel. Reconhecemos aqui o quanto as elaborações filosóficas de Merleau-Ponty no sentido de recuperar a experiência sensível na filosofia tem o dedo de Gabriel Marcel. Se retornarmos para as origens do pensamento de Merleau-Ponty e recuperarmos seu esforço de buscar fazer da filosofia um exercício de pensar recolocando as essências na existência, constataremos o quanto Merleau-Ponty foi influenciado pelas leituras de Gabriel Marcel.

No décimo aniversário da morte de Gabriel Marcel a Sociedade Francesa de Filosofia, organizou um evento e solicitou a Paul Ricœur que refletisse sobre alguns “traços maiores do pensamento daquele que foi um dos meus mestres” (RICŒUR, 1996, p. 47). Prossegue Ricœur, rompendo com aqueles que prezam por um espírito de resenhista, de quem ensina história da filosofia ao modo de *manual e historiografia*:

O ponto de partida da minha contribuição foi o seguinte: observei o quanto é fácil transformar em fórmulas feitas e exangues o que foi para Gabriel Marcel o objeto de dura conquista e de uma pesquisa indefinidamente retomada e jamais satisfeita consigo mesma. Assim, **expressões** tais como: fidelidade, Tu supremo, desespero, traição, mundo rompido, ser e ter, recusa e invocação, problema e mistério etc., **flutuam** em torno da memória de Gabriel Marcel **como emblemas de um passado morto. Meu problema consiste em reavivar o espírito de exploração, em restituir o estilo de itinerância que esses termos embalsamados ameaçam ocultar.** Como digo na minha ‘Ementa’, quero refletir sobre os aspectos da obra de Gabriel Marcel que fazem, ao contrário de seu autor, ‘um pensador difícil, incômodo, rebelde às repetições edificantes’ (RICŒUR, 1996, p. 47, grifos nossos).

Na citação acima, constatamos, com Paul Ricœur, como um filósofo estuda outro filósofo. Os principais conceitos de um filósofo, por exemplo, no caso em causa, de Gabriel Marcel, tornam-se “emblemas de um passado morto”, pois “flutuam” sem nenhuma concretude quando são estudados historiograficamente como informações, respostas-fórmulas sedimentadas sem que sejam reconstruídas, sentidas, “sofridas” como uma questão que coloca o estudioso em questão. Resistindo a ser professor resenhista, resumindo conceitos transformando-os em verbetes, em informações resumidas, fórmulas de fácil memorização que, entretanto, obscurecem e ocultam a real dificuldade e compreensão do conceito, é preciso ser filósofo encarnando a filosofia no exercício do magistério filosófico. O verdadeiro ou autêntico magistério filosófico consiste, como Paul Ricœur demonstra, em reavivar “o espírito de exploração”, em “restituir o estilo de itinerância que esses termos embalsamados ameaçam ocultar”. Os conceitos filosóficos não devem ser embalsamados, pois não são coisas de múmia, de museu, de coisas mortas, de historiografia, mas coisas de espírito, de vida, de histórico.

Mesmo que todo clássico da filosofia realize isso em suas obras, Gabriel Marcel assume esse “estilo de itinerância”, esse “espírito de exploração”, com muita força criativa, em sua produção dramática e filosófica: *homo viator*. Isto mostra sua relação com a história da filosofia. Uma relação existencial, de luta, de apropriação, de criatividade, de co-fazer, de co-ser com o fazer e ser de uma dada filosofia, de um determinado filósofo. Uma filosofia, um sistema filosófico, portanto, não é visto ou tomado como um objeto que está posto, *positum*, diante de mim, pronto, acabado, e etiquetado, com todas suas propriedades, características rotuladoras à espera de ser assimilado, anotado, repetido. Compreender um filósofo, uma filosofia, não é saber-memorizar as obras que escreveu com suas respectivas datas e contextos históricos, nem saber-resenhar seus principais conceitos, melhor, ideias-definições porque apresentadas resumidas, embalsamadas, domesticadas. Mas compreender verdadeiramente um filósofo, estudar-licionar uma filosofia implica e com-plica porque exige a atitude de peregrino, e não de turista, na via-gem de exploração (via, caminho!) dos conceitos filosóficos numa *determinada* obra de filosofia, quer dizer, acompanhando reflexivamente a via da itinerância da compreensão de si-mesmo, do outro, do mundo e de Deus ou do Ser que o filósofo realiza, empreende. Magistério filosófico não é, pois, coisa de relatar, informar, palrear, mas co-fazer a experiência filosófica do filósofo, numa obra de filosofia.

Ao fazer a leitura de qualquer texto de Gabriel Marcel, sentimos esse seu estilo interpelador, próprio do filosofar. A forma interrogativa, por oposição da forma escolástica ou lógico-demonstrativo, o recurso a exemplos e situações cotidianas para ilustrar os conceitos, corroboram o espírito de itinerância, de explorador, em atitude de busca, de sempre estar a caminho. Isso contrasta com um estilo apodítico das ciências em que escrevem demonstrando o que já tem absoluta certeza de ser e que não pode não ser. Quem se aproxima da filosofia e, particularmente, de Gabriel Marcel, com esse outro espírito, o espírito das ciências, fica atordoado, com a mente grogue, nocauteado. É preciso ser dotado de um preparo físico filosófico mínimo para conseguir prosseguir com entusiasmo na busca do que o busca. Sem ser tocado e tomado por isso que, misteriosamente, buscamos, jamais teremos condições de apreciar o sabor do saber e a alegria do suor do peregrino em sua peregrinação, em seu caminhar filosófico. Este procedimento de pesquisa, próprio e específico do caráter filosófico, distinto das ciências, não significa “vagabundagem” (TILLIETTE, 1976 p. 33), falta de direção, despreparo, descuido, desconhecimento da história da filosofia e falta de rigor do pensamento.

Isso está presente não só nos textos de Gabriel Marcel, mas também de todo filósofo - basta abrimos um livro de Merleau-Ponty, Heidegger, Hegel, Kant etc. para nos darmos conta que a escrita não é constituída de excesso de citações. Quase os filósofos não citam os autores. As citações aparecem para corroborarem os argumentos ou criticarem uma postura filosófica, mas mais no sentido de marcar a necessidade de estabelecer e efetuar o debate ou diálogo com a tradição filosófica. Muito embora os filósofos, em seus textos, não citem excessivamente seus predecessores, vários filósofos, a cada frase, em um parágrafo gramatical, eles estão profundamente em sintonia com a história da filosofia. Eles só pensam e escrevem *por causa da história da filosofia*, quer dizer, se posicionando frente a ela com a força de seu *lógos*, de sua fala, de sua linguagem. Os filósofos dominam profundamente a história da filosofia apesar de não fazerem dela historiografia! Quando, então, aparece uma citação no texto é justo para marcar e demarcar sua posição filosófica frente àquele que mais se destacou acerca da temática em causa. Gabriel Marcel, pois, fala desde seu lugar, quer dizer, desde seu modo próprio de compreender a realidade. É só deste lugar e desta perspectiva que sua fala, *fala* à história da filosofia, quer dizer, doa sentido (*lógos*) para a história da filosofia. Não faz sentido lecionar filosofia resenhando as obras dos outros filósofos e resumindo as correntes de pensamento: qual verdadeiro filósofo faz isso ao ministrar aulas de filosofia? Nas aulas dos filósofos clássicos da filosofia que foram publicadas o estilo é de historiografia ou de pensar filosoficamente? Uma aula de “filosofia” em

que impera o falatório, o blábláblá de informações sobre história da filosofia é uma “aula” ou falatório que *filosoficamente* não fala (sem *logos!*), mas provoca ruído e embrutecimento. Em uma palavra: filosofia ou história da filosofia como historiografia é metodologia e didática de embalsamamento ou mumificação do filosofar! Suicídio da filosofia, aborto do filosofar!

A produção filosófica e dramática de Gabriel Marcel tem origem desde outro lugar (*ailleurs*), desde *autre ruyane*, para usar uma expressão de Rilke, tão cara a Marcel. Esse “desde outro lugar”, “desde outro reino” não é algo inacessível, fora da finitude do homem, de sua experiência. Mas fala do reino do pensamento, das experiências fundadoras da existência, reais, ainda que inverificáveis. Sua proveniência é *au-delà*, transcendência, mas compreendida desde *en-deçá*, desde a finitude ou encanação! Por essa razão, no modo filosófico, distinto da positividade das ciências, Marcel pensa e escreve retratando o estar a caminho. Com efeito, seu pensamento escaneado na produção filosófica e dramática - dando voz, corpo, en-corpando, en-cenando desde as experiências fundadoras - tem como característica essencial “uma itinerância e não uma errância” (TILLIETTE, 1976 p. 33). Isso decorre, portanto, da própria natureza da filosofia. Sendo, com efeito, a itinerância e não errância, uma exigência do caráter filosófico de uma reflexão, pois em “Filosofia aquele que expõe em seu encadeamento dialético ou sistemático as verdades que acaba de descobrir, se arrisca a alterar muito profundamente o caráter dessas mesmas verdades” (MARCEL, 1953, p.14). Por essa razão, conseqüente com sua ideia de filosofia, Gabriel Marcel jamais apresentará de forma sistemática, dogmática, sua filosofia:

[...] a verdade é que não me proponho de nenhuma maneira apresentar um sistema que seria precisamente meu sistema [...]. Um termo como investigação é para mim daqueles que designam mais adequadamente a marcha essencial da filosofia. E esta será, penso, sempre mais heurística que demonstrativa, falando com propriedade (MARCEL, 1953, p.13).

Contrário “la philosophie officiele” (MARCEL, 1999, p. 89), a filosofia sistemática, dogmática, domesticada, Gabriel Marcel propõe a filosofia concreta, encarnada, existencial. O termo investigação, na citação acima, de fato, é muito apropriado, muito próprio para designar a filosofia marceliana. In-vestiga-(a)ção significa uma ação, um movimento, um fluxo, um curso de perseguir os vestígios, os rastros do que se busca na busca, na caça. Filósofo tem algo de muito semelhante ao caçador. Estudar história da filosofia *filosoficamente* é ir à caça da *mesmidade* da filosofia, da “presa” (o Ser) que todos os filósofos perseguem, seguindo os rastros, os vestígios deixados nas *trilhas*, na *physis*, no mundo, no real, na obra de filosofia. É co-fazer a experiência da experiência que um filósofo realiza numa obra de filosofia. Ao contrário dessa experiência, significaria estudar e/ou lecionar história da filosofia *historiograficamente*, quer dizer, não sendo caçador da mesmidade<sup>1</sup>, não co-fazendo a experiência de pegar a presa por si mesmo, então compra-se a presa já domesticada, embalada e rotulada à espera, em liquidação, barateada, em alguma prateleira (ou cátedra!?). Burla-se, assim, a aventura venturosa do pensar, livra-se das dificuldades do aprendizado filosófico - leitura e compreensão dos textos dos próprios filósofos -

<sup>1</sup> Mesmidade, o *mesmo* (*Selbe; Mismo*) é a expressão utilizada por Heidegger e depois por Ortega y Gasset como sendo o elemento filosófico, o caráter filosófico de toda fala ou escrita que se pretenda filosófica. A pluralidade das filosofias na história da filosofia, sua diversidade, são antagônicas apenas aparentemente para o não-filósofo, para o que compreende a história da filosofia como historiografia. Na verdade, para o filósofo não existe antagonismo entre as filosofias, mas toda a multiplicidade de filosofias ao longo dos milênios, como nas tonalidades de sons ou cores, tem uma base, um elemento de unidade que liga e religa à pluralidade. É deste elemento filosófico que confere unidade às diversas filosofias e que assegura o diálogo filosófico entre elas que Heidegger e Ortega y Gasset designam de *Mesmo*.

que, entretanto, justo elas, possibilitam crescimento (*concretere*) e, então, na facilidade e na acomodação engendra flacidez do pensar, obesidade intelectual, e hipertensão (doença crônica!) filosófica. É preciso despertar o ouvinte, aluno ou estudante, estimulando o exercício do filosofar para ganhar preparo físico filosófico. Não sendo assim, da perspectiva filosófica, quer dizer, da tematização do *mesmo*, o professor torna-se do(c)ente, e o estudante mero a-luno! É, assim, para ser saudável é necessário exorcizar a tentação que sempre espreita a atividade filosófica, numa disciplina de filosofia, de história da filosofia, para não cometermos suicídio e/ou não estimular o suicídio filosófico em nossos estudantes e/ou a-lunos:

Querer expor uma doutrina depois de tantas doutrinas! Por pouco que reflita, ainda o pensador mais convencido não deixa de hospedar no fundo de si mesmo a um cético para quem a História da Filosofia se apresenta às vezes como uma série de alvos que se lhe oferecem a seu objetivo. Em verdade, não é mais que uma tentação, e a Filosofia enquanto tal deve precisamente resisti-la; uma tentação como o suicídio para o homem em geral: de fato, é também um suicídio (MARCEL, 1953, p.13).

A partir disto, quer dizer, da especificidade do saber filosófico enquanto uma investigação itinerante, um sempre estar a caminho, e para isto fundamentar, Gabriel Marcel forjará dois conceitos, a saber: misterioso (*mystérieux*), e problemático (*problématique*). Estes dois conceitos são conceitos fundamentais na filosofia de Marcel, pois todo escrito marceliano tem eles como pressupostos. O que caracteriza um *Problema* (*problème*) é quando ele se posta *diante de mim, devant moi*, como um *positum*. Algo se encontra aí, e, justo por isso, eu, por assim dizer, nele tropeço, podendo, por isso, objetivá-lo, circunscrevê-lo em uma fórmula, definição. Todo ente, todo objeto passível de ser conhecido é objeto de uma determinada ciência. Tudo isto, quer dizer, todo ente intra-mundano, todos os entes, objetos do mundo em sua totalidade, assim como o modo científico de explicá-los é do âmbito do *Problema*. Neste âmbito do *Problema*, do *devant moi*, algo ainda pode se apresentar sem uma solução, mas a solução um dia aparecerá. A história da ciência, por exemplo, está repleta desses exemplos. Portanto, a não resolução, ou dificuldade de explicação de algo não torna isto remetido ao âmbito do *Mistério*. *Mistério* (*Mystère*) é de outra ordem, outra natureza. *Mistério* é do âmbito ou campo de tudo aquilo, de todo algo ou coisa, que, na verdade, não tem a natureza de algo e coisa nenhuma, mas de Ser. Mas Ser, aqui, deve ser entendido não como Espírito Puro, desencarnado, mas como o âmbito ou ação em que eu me encontro imerso, engajado, transbordando o aqui e o ali, dilacerando toda imagem espacial. Não é um algo ou coisa *diante de mim*, mas *em mim*. Claro que tais questões do âmbito do *Mistério* podem ser tratadas como *Problema*. Mas é um equívoco e falseamento da questão. A história da metafísica é um exemplo desse desvio, dessa degradação. O problema do mal, por exemplo, é tratado como um ente, um objeto. De modo que o que resulta dessas investigações sobre o mal já não é existencialmente, quer dizer, de fato, o próprio mal. A ideia de mal na qual não me vejo nele implicado, envolvido, já não é o mal. Transforma-se, assim, o mal, que é do âmbito do *en moi*, em algo *devant moi*. O elemento da filosofia, pois, encontra-se no âmbito do *Mistério*. *Mistério*, entretanto, isso é importante, não pode ser identificado como reduzido ou sendo sinônimo dos mistérios da fé. Mas os mistérios da fé, também estão no âmbito do *mistério*.

É por isso que Marcel chama sua investigação de *reflexão segunda* ou *recuperadora* porque se move no âmbito do mistério. Daí o aspecto inconclusivo, circular, fragmentário, de experimento, de busca que caracteriza sua produção, sua filosofia concreta. Aqui também se situa a diferença entre abstração e espírito de abstração. O “espírito de abstração” é a *reflexão primeira*, “la philosophie officielle” (MARCEL, 1999, p. 89), filosofia dogmática, apodítica, linear, progressiva,

investigação no espírito, na forma “du problématique” (MARCEL, 1999, p. 103). Este equívoco da filosofia, essa degradação da metafísica, transformando uma questão do mistério em problema, contribuiu para a situação do homem contemporâneo, desembocando no fenômeno que muitos designaram de niilismo e Marcel com Kierkegaard chamaram de *Desespero*. Marcel, porém, examinando esta questão do desespero no mundo contemporâneo cunhará o conceito de experiência de “*desorbitação*” (MARCEL, 1987, p. 23) para este desespero do homem contemporâneo enquanto perda existencial do sentido do Ser. Uma perda do sentido do Ser, uma experiência de vazio e de jubilação da vida, proveniente de um mundo *funcionalizado*, quer dizer, regido por funções nas quais os homens passam a se identificarem com as funções que executam perdendo sua singularidade. Gabriel Marcel repensará a filosofia, a metafísica, apresentando uma *metafísica da esperança* como recuperadora, redentora do sentido do Ser através de atitudes ou posições concretas que conduzem o homem à experiência do mistério do Ser. “Conduzir”, talvez, não seja uma boa palavra porque pode dar uma ideia de deslocamento espacial. Mas, aqui, o que está em questão é uma experiência e, portanto, “conduzir” deve ser compreendido *existencialmente*, quer dizer, como um despertar, um religar-se com a existência concretamente. Isso significa portar e dotar de sentido o Ser nas situações mais ordinárias e cotidianas experimentando nelas a transcendência, o *au-delà*, o extraordinário *no* ordinário.

É importante, da perspectiva filosófica, constatar que Gabriel Marcel é um clássico da filosofia<sup>2</sup>. Isso pelo fato de ser reconhecido por outros clássicos da filosofia justo por verem na filosofia de Marcel uma intervenção apropriada no grande debate, no grande diálogo que é a história da filosofia. Gabriel Marcel, portanto, responde e corresponde à *mesmidade* da filosofia. Ele, pois, em sendo filósofo realiza efetivamente isso em sua produção tanto dramática (teatral), quanto nos textos especificamente filosóficos. Gabriel Marcel não é um dramaturgo que nas horas de folga escreve uns textos de filosofia. É preciso chamar atenção de que Gabriel Marcel optar por escrever teatro não é porque tem dificuldade de compreender a linguagem da filosofia e, assim, por se recusar à forma filosófica, ele escolheria escrever peças teatrais. É verdade que Gabriel Marcel critica a *reflexão primeira*, a filosofia oficial pelo “espírito de abstração” que a caracteriza. Mas é preciso compreender que sua crítica, o “rompimento” com a filosofia tradicional não implica numa fuga, numa desistência da filosofia. Muito ao contrário: a presença de Gabriel Marcel nos textos ou nas trocas de cartas com os filósofos consagrados na história da filosofia prova o quanto Marcel é respeitado enquanto filósofo! Fizemos o esforço, nas páginas acima, de mostrar o quão profundamente Marcel está interessado na filosofia. Nesse sentido é preciso ver na duplicidade da obra de Marcel, produção dramática e filosófica, assim, como, por exemplo, na duplicidade da produção pseudônima e verônima de Kierkegaard, não duas coisas distintas que não se relacionam, mas, ao contrário, é preciso ver que esta duplicidade faz parte do mesmo e único movimento dialético da filosofia concreta. Mais radicalmente: este movimento dialético, em sua duplicidade, surge precisamente em resposta crítica à própria história da filosofia<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Isso justifica que Gabriel Marcel possa/deva ser estudado nos cursos de Filosofia, assim como é um filósofo que possa ser objeto de estudos monográficos, de dissertações de mestrado e teses de doutorado. De fato, em todo o mundo isso acontece com Gabriel Marcel enquanto objeto de estudo filosófico, ainda que não tão numerosos como acontece com outros filósofos. Isso também é importante do ponto de vista pedagógico-filosófico: um aluno de graduação não deveria trabalhar em sua monografia um pensador que não tem reconhecimento como clássico da filosofia. Isso porque a monografia é um primeiro e mais extenso exercício de apropriação da filosofia. A monografia, o TCC, é, por assim dizer, um curso dentro do Curso de filosofia. De modo que deveria ser assegurado e incentivado, sem nunca impor temas e autores aos alunos – isso deve ser escolha do estudante!- a necessidade de se trabalhar numa monografia uma questão especificamente filosófica num clássico da filosofia para que possa colocar o estudante conscientemente dentro do diálogo da história da filosofia.

<sup>3</sup> Toda didática e metodologia de ensino da filosofia que não nasçam como resposta e caminho pensado a partir desta questão perde seu caráter filosófico e a aula será mera reprodução historiográfica de dados interessada mais no

A filosofia através do “espírito de abstração” conduziu o homem contemporâneo para a experiência da “desorbitação”. A ideia de filosofia, em Gabriel Marcel, enquanto a exigência do mistério ontológico para recuperar a perda do sentido do Ser e, assim, responder a experiência da *desorbitação* do homem contemporâneo, engendra o nascimento da filosofia concreta marceliana. Assim, Gabriel Marcel nasce para a filosofia, acontece o seu *connaître* como clássico da história da filosofia. Este nascimento traz à luz sua concepção de filosofia concreta, a saber: produção dramática (teatral) e filosófica. Em *O mistério do ser*, de 1951, Gabriel Marcel escreve sobre a naturalidade de sempre aparecer em seus textos de filosofia citações de suas obras de teatro: “[...] pois nelas meu pensamento se encontra em estado nascente e como em sua fonte original. [...] o modo de expressão dramática se me impôs conjugado com a reflexão propriamente dita” (MARCEL, 1987, p. 31).

A produção filosófica e a dramática são um mesmo movimento da filosofia concreta marceliana. Paul Ricœur escreve sobre esse entrelaçamento dialético e inseparável da duplicidade da obra de Gabriel Marcel:

O discurso filosófico afirma, portanto, em termos de “exigência” – a exigência ontológica – isto que, no drama, opera como “poder” - poder de existir. **Se o discurso filosófico é mais explícito, a ação dramática é mais eficaz.** Além disso, **o próprio discurso filosófico sabe que é debilitado** quando fala da exigência ontológica (RICŒUR, 1976, p. 69, grifos nossos).

Portanto, para um tratamento apropriado dos temas filosóficos que, para serem fiéis ao caráter filosófico, possuem a exigência ontológica, então, a reflexão primeira se mostra debilitada, enferma para corresponder a essa exigência, ainda que esteja no encalço de falar dessa exigência ontológica. A reflexão segunda ou recuperadora, movendo-se no âmbito do *mistério*, retoma, redime, repete sempre na circularidade do saber filosófico, essa exigência ontológica, tornando-a mais explícita, mais visível. Aqui, entra em cena, a ação dramática, tornando-a mais eficaz porque afeta o espectador através das cenas, do cenário com as situações e diálogos, com muito mais força, poder do que a reflexão primeira, do que a filosofia tradicional. Com efeito, ambas as produções, tanto as dramáticas quanto as filosóficas se comunicam dialeticamente ajudando o leitor-espectador a retomar o sentido do Ser e singularizar com autenticidade sua existência abrindo-se ao outro e ao Tu.

### III

Nessa terceira seção, encaminhando a conclusão de nosso artigo, iremos fazer apontamentos sobre o magistério filosófico a partir da filosofia de Gabriel Marcel. Nosso intuito é apenas apontar, acenar para uma aplicação prática do que foi meditado em I e II. O que está em questão é que a crítica à história da filosofia como historiografia, isto é, a necessidade de se pensar e fazer uma *filosofia* da história da filosofia, exige e convoca para se pensar e fazer uma *filosofia* do ensino da filosofia. Gabriel Marcel tem algo a contribuir com esta questão? Gabriel Marcel escreveu sobre isto ou possibilita que seus leitores e estudiosos possam extrair conclusões de seus textos sobre a questão do magistério filosófico, da necessidade de uma *filosofia* do ensino da filosofia?

---

aspecto didático-pedagógico que no especificamente filosófico. Divertida e muito informativa! O Datashow, *show de dados*, será essencial, mas, da perspectiva filosófica, será desprovida de compromisso com a filosofia nela mesma.

Não há que surpreender-se de que, como ocorre com as demais atividades humanas, a filosofia pode desnaturalizar-se, pode degenerar em uma espécie de imitação mais ou menos caricaturesca de si mesma. E o pode tanto mais quando a filosofia é ainda tratada como matéria de exame [de prova]. Na França, especialmente, onde existe um curso de bacharelado de filosofia, o professor encarregado da preparação deste exame corre o risco de proceder como seus colegas de história, de ciências naturais, etc., desejoso de colocar simplesmente a seus alunos em condições de responder às perguntas, escritas ou orais, que lhes serão formuladas no curso das provas às quais terão que realizar. Com relação a este procedimento, a palavra “espantoso” traduz de uma maneira muito exata esta espécie de carga do que não é suficiente dizer que não tem nenhuma relação com a filosofia, mas que inclusive há que afirmar que é exatamente todo o contrário (MARCEL, 1971, p. 19-20).

Gabriel Marcel foi estudante de filosofia e trabalhou alguns anos como professor de filosofia. Ele fala, pois, desde sua experiência de aluno, de professor, e de filósofo que tematiza a questão. Marcel estudou filosofia na Sorbonne que era o *locus* da *philosophie officielle*. Marcel, pois, ao criticar o “espírito de abstração” da *filosofia oficial* ele o faz justo por conhecer *profundamente* este modo de fazer filosofia<sup>4</sup>. Marcel não critica a filosofia oficial por ter uma incapacidade especulativa de acompanhar e fazer filosofia no “espírito de abstração”. Marcel conhece com profundidade esta forma, dialoga e é respeitado, como filósofo, por todos os filósofos da época, mas, conscientemente, e, exercendo o poder criativo de sua capacidade especulativa, recusa essa forma degradada de fazer filosofia. Mas essa recusa, como mostramos, não significa desprezo, como se Marcel rejeitasse a história da filosofia. O que está em questão é a necessidade de uma apropriação existencial dessa mesma tradição! Para que possamos fazer de fato filosofia, para que seja possível uma apropriação existencial da história da filosofia é imprescindível conhecê-la com profundidade:

Vamos agora evocar o domínio do controlável, onde o trabalho em equipe deve prosseguir. Nós nunca poderemos dizer como a imagem degradada da oficina da fábrica e aquela dos laboratórios tem obcecado os filósofos. E aqui haveria que cavar profundamente. **Complexidade de inferioridade do filósofo frente ao cientista - mas do filósofo traidor. O filósofo fiel nunca cederá. [...] Certamente um filósofo “deve” conhecer a história da filosofia, mas, na minha opinião, quase exatamente no sentido de que um compositor deve conhecer a harmonia; isto é, possuir equipamento sem nunca dele ser escravo.** A partir do momento em que for escravo, ele não é mais um criador, ele não é mais um artista. Da mesma forma, o filósofo que capitulou a história da filosofia não é um filósofo. Eu até acrescentaria - e essa é uma diferença importante - que quem não experimentou um problema filosófico, que não foi acolhido por ele, não pode de maneira alguma compreender o que esse problema significou para aqueles que o experimentaram antes dele: nesse sentido, as posições são invertidas e **a história da filosofia pressupõe a filosofia, e não vice-versa** (MARCEL, 1999, p.95-96, grifos nossos).

<sup>4</sup> Da mesma forma a formação do licenciando em filosofia deve prepará-lo para o magistério *filosófico* (não só pedagógico!) nas escolas. Seria um equívoco, uma falta de compromisso com a filosofia, se a formação do licenciando em filosofia se degradasse por estabelecer como critério formativo e fio condutor um tecnicismo ‘filosófico’. Este tecnicismo “filosófico” consiste em pautar a formação do licenciando a partir da práxis escolar no sentido de fornecer uma formação ao licenciando na mesma forma em que ele dará as aulas na escola.

Ser capaz de capitular, de classificar, de enumerar toda a história da filosofia não torna alguém filósofo. É necessário realizar o devir do não-filósofo, do historiador da filosofia, para o filósofo; a passagem existencial da história da filosofia para a *filosofia* da história da filosofia; o movimento de apropriação existencial do ensino da filosofia para a *filosofia* do ensino da filosofia. Sem este movimento existencial, o filosofar, a filosofia não acontece. A filosofia só se torna um evento, um acontecimento, uma experiência se a experimentar, se dou permissão, por assim dizer, de me abrir para ser acolhido e abraçado por ela, por suas questões e modo de ser. Em uma palavra: não é a filosofia que gera o filosofar, mas o filosofar que parteja a filosofia! Não é a história da filosofia que conduz para a filosofia, mas é a filosofia que *já se dá na* história da filosofia! A filosofia apresentada sem o filosofar que a gerou, através de sínteses dos conceitos e resumos de contextos históricos, não cativa ninguém e ninguém aprende a fazer e estudar filosofia por não seguir o processo criador da criação dos conceitos de determinado filósofo. O velho (e sempre atual) Kant já admoestava: não se aprende filosofia, mas a filosofar (Cf. KANT, 2001, p.659-660). Heidegger mostra, pela própria forma que ministrava suas aulas e escrevia seus textos, que a filosofia não deve ser substantivada como coisa, conteúdo, mas filosofia só é no filosofar entendida como verbo, como ação, movimento de busca, de questão. Questão não é um problema entendido na relação problema-resposta. Questão, em sua etimologia latina, aponta para uma busca apaixonada e não para um problema apoditicamente bem circunscrito que corresponderia a uma resposta apoditicamente verdadeira. Portanto, a admoestação kantiana deve ser compreendida no sentido de que só se ensina (e aprende!) filosofia *no* filosofar! É precisamente na ação mesma do movimento existencial do desenvolvimento e explicitação dos conceitos, quer dizer, no filosofar, no partejamento dos conceitos, que a filosofia surge, aparece, acontece. Ensinar a filosofia enquanto conceitos desprovidos do filosofar, resumindo vários filósofos em alguns dias de aulas, não conduz o aluno para ser estudante de filosofia porque este não se entusiasma por “conhecer” só os resultados, as definições, sem antes ter aprendido a acompanhar como eles foram gerados, criados.

Gabriel Marcel, quando jovem professor em Sens, nos anos de 1919-1922, portanto, dos 30 aos 33 anos de idade, ministrava aulas sobre “os conceitos fundamentais da filosofia”. Ora, justo quando ministrava esses cursos é que elaborou suas principais obras teatrais demonstrando, com isso, a dialética harmoniosa de sua produção dramática e filosófica: “Muitas de minhas peças teatrais mais importantes procedem daquela época: *Un homme de Dieu, La Chapelle Ardente, Le Coeur des cutres*. Ao mesmo tempo decidi começar a redação do *Journal Métaphysique* [...] (MARCEL, 1967, p. 9).

A produção dramática, teatral, sendo uma linguagem apropriada para comunicar a filosofia, para despertar o homem contemporâneo da *desorbitação*, surge em meio ao trabalho árduo e prazeroso das aulas sobre os conceitos fundamentais da filosofia. Um professor de filosofia da educação básica no desejo e necessidade de criar uma linguagem para dar acesso à filosofia só pode ser capaz de fazer isto bem se dominar a história da filosofia. Do contrário, perderá o equilíbrio entre forma e conteúdo por se prender na forma, na metodologia e didática, mas sem ser um modo de apropriação existencial do conteúdo da história da filosofia.

No capítulo *O que se pode esperar da filosofia?* da obra *Pour une sagesse tragique et son au-delà* de 1968, Gabriel Marcel desenvolverá a ideia de filosofia e o que dela se pode esperar, sua crítica ao ensino da filosofia na França sobretudo pela forma de exposição de uma multiplicidade de filósofos, um ao lado do outro, como numa “vitrine” que expõe produtos à venda para seus clientes, alunos<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Gabriel Marcel mesmo sendo um filósofo católico faz alusão a essa crítica na França da necessidade de se fazer uma *filosofia* da história da filosofia e não apenas uma reprodução de ideias *à la* manual de história da filosofia como se faz, por exemplo, na filosofia eclesial dos Seminários católicos (Cf. HARADA, 2009). Merleau-Ponty, na mesma linha

“O que se pode esperar da filosofia?”. Em primeiro lugar [respondendo a objeção retratada nessa pergunta] acredito que se deve fazer justiça de uma vez por todas à imagem que mais ou menos diretamente se apresenta na consciência daqueles que formulam semelhante objeção. Esta imagem parece ser a de uma vitrine onde as diversas filosofias se encontrassem umas ao lado das outras, vendo-se o cliente forçado a escolher entre elas. Um dos benefícios mais seguros de uma reflexão apoiada sobre a história consiste justamente em demonstrar que uma comparação assim é absurda, posto que tal comparação só é possível para os objetos, para as coisas; e precisamente uma filosofia não pode nunca ser tratada desta forma, pois constitui em certo modo uma experiência [...] (MARCEL, 1971, p. 29).

Marcel é muito lúcido e preciso em sua crítica a este modo historiográfico de compreender e ensinar a história da filosofia. Ensino da filosofia como “Vitrine”, quer dizer, exposição das diversas doutrinas filosóficas, correntes de pensamentos, uma ao lado da outra, uma surgindo por causa (!) de suas antecessoras etc., é um equívoco já do ponto de vista da própria história, mas, sobretudo, da perspectiva filosófica, da exigência do ontológico, da tematização do *mesmo*, é uma degradação. Isto porque - e eis a fundamentação marceliana de sua crítica - a filosofia não é um objeto, uma coisa, mas é uma experiência! Poderíamos trazer uma outra imagem, de um outro filósofo que Marcel admira, mas que embora não cite nesse texto, reforça a necessidade de criticar essa forma historiográfica de trabalhar a história da filosofia e o consequente equívoco no ensino da filosofia nesta forma degradada. A imagem é a da história da filosofia (ou do ensino da filosofia), na apresentação dos filósofos como uma “salada”<sup>6</sup> que não alimenta ninguém.

Gabriel Marcel sustenta a tese de que para acontecer a *filosofia* da história da filosofia e, portanto, a *filosofia* do ensino da filosofia é preciso existir dois elementos: um aspecto subjetivo ou existencial e uma dimensão objetiva. No aspecto ou dimensão subjetiva ou existencial existe e deve haver um *testemunho pessoal ou vocação*. Marcel compara a filosofia com a mesma necessidade de vocação que precisa existir na atividade poética e artística. Já no âmbito objetivo do ensino da filosofia é preciso ter a *confrontação com os grandes filósofos da história da filosofia*. O verdadeiro ensino da filosofia enquanto *filosofia* do ensino da filosofia conjuga harmoniosamente esses dois elementos. Para isto é preciso romper com a ideia de história da filosofia como historiografia. É necessário desfazer o equívoco de que ensinar filosofia seria fazer os alunos memorizarem (“filosofia” *sem* o filosofar!) a maior quantidade de informações sobre o maior número de filósofos de uma época ou área da filosofia. Gabriel Marcel é claro sobre isto. Para assegurar o aspecto subjetivo ou existencial (*forma-conteúdo*) o professor precisa investir tempo neste processo de acompanhamento do partear dos conceitos de cada filósofo. Claro que, se ele for resumir as principais ideias e os alunos se limitarem à passividade de “compreenderem” as informações, o

---

de Marcel e Heidegger, também realiza críticas a essa compreensão de história da filosofia como historiografia, como criação e solução de problemas. Em *O filósofo e sua sombra*, essa análise da história da filosofia aparece como o “pensar de novo” sem ser mera repetição, mas a experiência de pensar de novo o pensado em busca do impensado oculto no pensado, no escrito, na linguagem. Em *O visível e o invisível* aponta para a necessidade de realizar uma história da filosofia paralela a habitual, a de Guérout, que Merleau-Ponty designou de “subentendido”: “Na ordem do subentendido, a pesquisa da essência e a da existência não são opostas, são a mesma coisa — Considerar a linguagem, mesmo filosófica, não como uma soma de enunciados ou de “soluções”, mas como um véu esticado, a trama de uma cadeia verbal...” (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 188).

<sup>6</sup> Para acompanhamento da descrição da “salada” que tornam, com este procedimento, os alunos incapazes de conhecer verdadeiramente os filósofos, veja BERGSON, Henri. A intuição filosófica. In: **O pensamento e o movimento**: ensaios e conferências. Tradução de Bento Prado Neto. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 132.139.

show de dados (Datashow!), não precisará de muito tempo e dias para “trabalhar” um filósofo. Assim, o equívoco é transformar o curso, ou disciplina de História da Filosofia, numa “vitrine” de uma multiplicidade de filósofos. Para assegurar o aspecto ou dimensão objetiva (*conteúdo-forma*) do ensino da filosofia é preciso a confrontação com algum grande filósofo da história da filosofia. Não precisa e nem seria possível (em virtude do tempo!) trabalhar muitos filósofos (Cf. MARCEL, 1971, p. 26). Gabriel Marcel faz notar que os próprios filósofos, incluindo-se na lista que apresenta, constroem suas filosofias em diálogo, sobretudo, com um ou outro grande filósofo e não com muitos. Portanto, compreender e ensinar a filosofia implica o asseguramento desses dois aspectos no magistério filosófico.

Marcel julga completamente falsa a separação artificial, postiça, entre filósofos e não-filósofos, como se para escrever ou ministrar aulas para o grupo de filósofos fosse diferente quando o público fosse de não-filósofos (Cf. MARCEL, 1971, p. 27). Da mesma forma é falso a postura que pensa que algo de exterior à filosofia ajudaria, facilitaria a introdução à filosofia. Como se muitas informações sobre a cultura grega, sobre mitologia, sobre história e literatura ajudasse a melhor compreender a filosofia! Ledo engano! A filosofia só se introduz através da própria filosofia, da mesma forma que só se faz história da filosofia se já se estiver na filosofia!

Façamos a conclusão deste artigo - não a conclusão da questão - com outra imagem, uma imagem de como na prática se faz filosofia, de como acontece o magistério filosófico. Essa imagem nos é dada pelo próprio Marcel justo nesse contexto de crítica ao ensino da filosofia na França, e, portanto, contrário a forma falsa de trabalhar história da filosofia como “vitrine”. Certamente Marcel aponta para um outro modo de fazer filosofia, mais verdadeiro, semelhante a seu próprio modo. Ele traz à lembrança a primeira vez que Heidegger foi à França, em 1955, e destaca a atmosfera de expectativas que os filósofos franceses, professores de filosofia e estudantes de filosofia estavam para receber o grande filósofo alemão. Marcel evidencia que estavam desejosos que Heidegger, em pessoa, a viva voz, esclarecesse pontos obscuros de sua filosofia. A decepção foi grande por Heidegger simplesmente começar a aula com uma grande introdução sobre a filosofia em geral, e, depois, citando uma passagem de Kant e uma de Hegel, começou a comentá-las num exercício de confrontação de sua filosofia com esses dois clássicos da filosofia.

Para aqueles que expressaram discretamente sua surpresa e decepção, ele [Heidegger] respondeu que seu método era precisamente esclarecer seu pensamento dos grandes filósofos que estudara de maneira especial. Naturalmente, é importante notar que esses comentários, em espírito de originalidade, são sempre acompanhados de uma reinterpretação, que pode ser considerada como criativa, dos personagens assim evocados. Nesse caso em particular, isso é particularmente verdade nos pré-socráticos e em Kant. Além disso, daqui em diante seria necessário colocar alguns problemas gerais que são de grande preocupação para alguns filósofos, principalmente na França, e que versam sobre a história mesma da filosofia. Se conhece atualmente [em 1968!], sem dúvida com maior clareza que em nenhuma outra época, a necessidade e, ao mesmo tempo, a dificuldade de uma filosofia da história da filosofia (MARCEL, 1971, p. 26).

Tomemos isto como tarefa de pensamento e exercício filosófico de apropriação existencial em nosso magistério filosófico. Filosofia não é objeto ou coisa, etiquetada e rotulada, para ser dada e resumida em uma ou duas aulas, mas é uma *experiência dramática* que precisa ser possibilitada, conquistada, apropriada. *Agón!* Não é coisa de falar de fora, exteriormente,

desinteressadamente sobre uma coisa, mas é um falar (*lógos*) desde dentro, co-fazendo a mesma experiência (*pathos*) do fazer do conceito que um filósofo *faz* em uma obra de filosofia.

## REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. A intuição filosófica. *In: O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FIGAL, Günther. **Martin Heidegger**: fenomenologia da liberdade. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005.
- FIGAL, Günther. **Oposicionalidade**: o elemento hermenêutico e a filosofia. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GADAMER, Hans-Georg. **Los caminos de Heidegger**. Traducción de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002.
- HARADA, Hermógenes **De estudo, anotações obsoletas**: a busca da identidade humana e franciscana. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: IFAN, 2009.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- MARCEL, Gabriel. **Les hommes contre l'humain**. Paris: La Colombe, 1951.
- MARCEL, Gabriel. **El misterio del ser**. Traducción de María Eugenia Valentí. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1953.
- MARCEL, Gabriel. Qué puede esperarse de la filosofía? *In: Filosofía para un tiempos de crisis*. Traducción de Fabiam Garcia Preto-Prieto Buendía. Marid: Ediciones Guadarrama, 1971.
- MARCEL, Gabriel. **Aproximación al misterio del Ser**: posiciones y aproximaciones concretas al misterio ontológico. Traducción, prólogo y notas de José Luis Cañas. Madrid: Ediciones Encuentro, 1987.
- MARCEL, Gabriel. **Essai de philosophie concrète**. Paris: Gallimard, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris, Gallimard, 1992.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. La philosophie de l'existence [1959]. *In: Dialogue*, n. 3, 1966, p. 307-322.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RICŒUR, Paul. Entre Gabriel Marcel et Jean Wahl. *In: Jean Wahl et Gabriel Marcel*. Présentation de Jeanne Hersch. Paris: Beauchesne, 1976.
- RICŒUR, Paul. Reflexão primeira e reflexão segunda em Gabriel Marcel (1984). *In: Leituras 2: A região dos filósofos*. Tradução de Marcelo Perine, e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Apresentação e notas de Arlette Elkaïm-Sartre. Petrópolis: Vozes [de bolso], 2012.
- TILLIETTE, Xavier. Gabriel Marcel et autre royaume. *In: Jean Wahl et Gabriel Marcel*. Présentation de Jeanne Hersch. Paris: Beauchesne, 1976.